

## UALALAPI: HISTÓRIA, FICÇÃO E SIMBOLOGIAS METAFÓRICAS

Iracema Ramos MARTINS<sup>1</sup>  
Liliane de Oliveira SEVERO<sup>2</sup>

### RESUMO

A literatura dos países africanos de língua portuguesa vem sendo marcada pela referência à História como forma de perceber a dimensão do passado na construção de uma identidade cultural. Assim, este artigo pretende expor uma análise acerca do entrelaçamento entre história e ficção no romance Ualalapi, de Ungulani Ba Ka Khosa, além de apresentar algumas construções metafóricas elaboradas como criação estética. O trabalho ancorou-se na metodologia bibliográfica, com destaque aos estudos realizados por teóricos como Homi Bhabha, Stuart Hall e Franz Fanon, além de artigos, dissertações, teses e publicações sobre a literatura/história africana e considerações sobre a obra em questão. A partir da análise proposta, pôde-se perceber a necessidade de rever a história do antigo reino de Gaza, hoje Moçambique, bem como ela é reconstituída pela literatura através da ficção. A validade da pesquisa dá-se pela resignificação que o olhar histórico-literário propõe para outras leituras da formação daquele povo, já que muitas vezes o relato do colonizador não preenche todas as lacunas na história da formação de um povo, cabendo à literatura recontar artisticamente o momento histórico.

**Palavras-chave:** História; ficção; simbologia; metáfora.

### ABSTRACT

The literature of Portuguese-speaking African countries has been marked by references to History as a way of perceiving the dimension of the past in the construction of a cultural identity. Thus, this article aims to present an analysis of the intertwining of history and fiction in the novel Ualalapi, by Ungulani Ba Ka Khosa, in addition to presenting some metaphorical constructions developed as an aesthetic creation. The work was anchored in the bibliographic methodology, with emphasis on studies carried out by theorists such as Homi Bhabha, Stuart Hall and Franz Fanon, in addition to articles, dissertations, theses and publications on African literature/history and considerations on the work in question. From the proposed analysis it was possible to perceive the need to review the history of the ancient kingdom of Gaza, today Mozambique, as well as how it is reconstructed by literature through fiction. The validity of the research is given by the resignification that the historical-literary perspective proposes for other readings of the formation of that people, since many times the colonizer's account does not fill all the gaps in the history of the formation of that people, leaving literature to artistically retell the historical moment.

**Key-words:** History; fiction; symbolism; metaphor.

---

<sup>1</sup> Mestra em Letras em Estudos Literários pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

<sup>2</sup> Mestra em Letras em Estudos Literários pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

## INTRODUÇÃO

Sob a perspectiva histórica, o gênero literário romance vem se sobressaindo na literatura moçambicana, fato que corrobora para o interesse desta proposta de análise da obra *Ualalapi*, de Ungulani Ba Ka Khosa. Ademais, torna-se importante ratificar a necessidade de expansão dos estudos africanos, tendo em vista que o Governo Federal, em 2003, sancionou a Lei nº 10.639, estabelecendo as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.

O romance *Ualalapi*, publicado em 1987, acrescentou ao escritor moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa, nome tsonga, não só o Grande Prêmio da Ficção Moçambicana, como também a sua inclusão entre um dos ficcionistas dos 100 melhores livros da literatura africana do século XX. A obra destaca o contexto histórico do reino de Gaza, a saber, a formação de Moçambique, através da ascensão e derrocada do reinado de Ngungunhane, o Leão de Gaza, assim descrito por historiadores. A partir da trajetória de Ngungunhane, Ba Ka Khosa repensa, ancorado no discurso ficcional, a representatividade desta importante figura histórica, trazendo à tona um personagem questionável, no que tange ao verdadeiro sentido de considerá-lo um “defensor” de seu povo.

*Ualalapi* veio a público em um período de crise política e social em Moçambique, particularmente no momento de pós-independência e durante a guerra civil (1976-1992), possibilitando a conexão histórica entre contextos distintos, porém conturbados de Moçambique. Dessa maneira, coube aos escritores, a exemplo de Khosa, fazer uma releitura da história através da literatura.

Assim, o autor Khosa, que também é historiador, propõe uma visão ficcionista dos 11 anos de império de Gungunhana, ou Ngungunhane, último imperador de Gaza, o qual fora antecedido por Mawewe e Muzila, seu pai, de quem herdou o trono. Além dessa tônica, pretende-se analisar algumas simbologias literárias criadas pelo autor como forma estética, posto que ele utiliza consideráveis imagens metafóricas.

## 1.2 A História é uma ficção controlada

“É verdade irrefutável que Ngungunhane foi imperador das terras de Gaza na fase última do império”(Khosa, 2013, p. 9). É com esse excerto que Khosa inicia o romance, destacando a história como pano de fundo da trajetória da personagem protagonista. A referência revela-se primordial, já que Mundugaze, guerreiro nguni, contando com a ajuda de sua esposa Yosi, deliberou a morte de seu irmão Mafemane, e chegou ao comando de Gaza como, definitivamente, Ngungunhane. Suas terras se localizavam na área entre os rios Zambeze e Lourenço Marques, e seu reinado durou entre 1884 a 1897. O então imperador representa, na história de Moçambique, um símbolo de resistência contra o colonialismo, mesmo que haja relatos históricos fazendo referência ao estabelecimento do seu poder através da violência para com o povo nguni.

No mesmo ano de ascensão de Ngungunhane, acontece a Conferência de Berlim (1884 – 85), momento no qual as nações europeias deliberaram a divisão da África. Considerando que aquela área era viável econômica e politicamente, e, visando ao controle das terras, seria necessário destituir o poder africano que apresentava resistência no comando do Leão de Gaza. Assim, mesmo com a pactuação de alguns acordos com a Grã-Bretanha e Portugal, o império de Gaza foi atacado até a derrocada de Ngungunhane, no ano de 1897.

O império de Gaza, dessa maneira, passa a ser, definitivamente, colônia de Portugal, porque naquele contexto histórico, a única liderança nativa dos ngunis desapareceria e passaria a ser um exilado. Após sua captura, por Joaquim Augusto Mouzinho de Albuquerque, o governador português do distrito militar de Gaza, em Chaimite, a aldeia sagrada dos nguni, Ngungunhane é levado a Lisboa, juntamente com sete das suas mulheres, o filho Godide, o tio Molungo, o régulo Matibejane de Zixaxa e as suas três mulheres.

A tomada das terras de Gaza leva-nos a refletir o quão violenta e arbitrária foi a colonização de inúmeros povos, não só africanos, como também de outras nacionalidades. Na tradução de Fanon, Pires *et. al* (2022, p. 20) destacam que:

A violência é a matriz dessa linguagem colonial, que oferece ao colonizado a possibilidade de dizer-se em não ser e/ou em feridas sangrentas. Uma linguagem que afasta a humanidade de muitas pessoas e que faz com que os conflitos, as lutas por libertação, sejam muitas vezes uma luta contra si mesmo”. É exatamente por essa

razão que Fanon nos apresenta uma fenomenologia viva, pulsante, intransigente da violência colonial.

A “linguagem colonial”, como definem Pires et al, além de violenta, tipifica Ngungunhane como um líder selvagem e uma figura que representava não somente uma ameaça ao seu povo, mas também a tomada de terras pelas forças europeias, já que, antes de sua captura, o imperador travou inúmeros combates contra os invasores, fato pelo qual foi nomeado como um “troféu de guerra” pelo governo português.

Destituído, Ngungunhane, antes do seu exílio final, em Açores, foi exposto publicamente aos inimigos curiosos que tornaram sua presença uma verdadeira atração burlesca, em torno da qual se criou um comércio para aqueles que ali se reuniam com o objetivo de comprovar a captura e fragilidade do líder nguni e a vitória de Portugal. Após o fatídico episódio de humilhação, permaneceu o resto da vida no exílio em Portugal, onde acontece a sua mudança de vida e assimilação de outra cultura, já que aprendeu a ler, a escrever e foi convertido, à revelia, ao cristianismo, sendo batizado como Reinaldo Frederico Gungunhana, que vem a falecer a 23 de dezembro de 1906.

Após anos da morte de Ngungunhane, na segunda metade do século XX, a Frelimo, Frente de Libertação de Moçambique, movimento guerrilheiro que lutou pela independência, vem, na figura de Samora Machel, pedir a Portugal que os restos mortais de Ngungunhane voltasse ao solo moçambicano. Esse processo, além de demorado, foi simbólico, visto que não havia como resgatar, com precisão, a ossada verdadeira. Nessa premissa, foi retirada, do cemitério dos Açores, uma suposta parte do cadáver do rei e enviada a Moçambique. A simbólica devolução da ossada chega a Maputo em 1985, após dez anos de independência.

Naquele momento, Ngungunhane, assume uma representatividade histórica de resistência, de defensor da nação nguni, pelo enfrentamento bélico aos invasores. Assim, a Frente de Libertação de Moçambique, que tem como referência de luta o último régulo Ngungunhane, torna-o um herói, visto que, além da representação de resistência à colonização, ele serviu de inspiração durante a guerra civil, que libertou Moçambique dos domínios portugueses.

A história revela que a luta pela “libertação nacional” (Fanon, 2022, p. 31) tem como premissa o combate, a luta entre os povos, pois, à medida que um tenta

recuperar sua autonomia social, política e econômica, a outra deseja manter a exploração da força, da riqueza e do trabalho do subjugado. Com relação à descolonização, Fanon (2022, p. 31) destaca que “A extraordinária importância dessa transformação é que ela é desejada, reivindicada, exigida”.

### **1.3 Fragmentos iniciais**

O romance *Ualalapi*, de Khosa, narra a trajetória de Ngungunhane, o último régulo do reino de Gaza. A obra possui seis capítulos, todos intitulados “Fragmentos do fim”. Essa denominação deve-se aos textos históricos referentes aos documentos escritos pelos líderes do exército português que estiveram em combate contra Gungunhana. Dessa maneira, tem-se também, além dos textos históricos, uma passagem da bíblia, que antecede as narrativas, conferindo a moralidade dos provérbios à presença da ancestralidade, das vozes do passado.

Para uma visão geral da obra, segue um breve resumo dos capítulos. A narrativa inicia com *Fragmentos do fim – Ualalapi*, um dos mais significativos pela proximidade histórica e conta a luta de três guerreiros ngunis, a mando de Ngungunhane, para matar Mafemane, seu irmão, que deve ser impedido de abrir o túmulo do pai, Muzila, e tornar-se imperador. *Ualalapi*, chefe do grupo, e que dá nome ao romance, mata Mafemane com muitos golpes de lança, enquanto os outros guerreiros ficam paralisados. Fazendo referência ao tempo de reinado, o narrador destaca: “E o mesmo ruído cobriu o céu e a terra durante onze dias e onze noites, tempo igual à governança, em anos, de Ngungunhane, nome que Mudungazi adotara ao ascender a imperador das terras de Gaza” (Khosa, 2013, p. 34).

O segundo, *Fragmentos do fim – A morte de Mputa*, relata a morte banal de Mputa, guerreiro nguni, que supostamente ofendeu inkonzikasi, nome dado à primeira esposa do rei. Fica evidente que Mputa não cedeu à luxúria de inkonsikasi, e, dessa maneira, foi caluniado por ela: “[...] Mputa fora morto e retalhado por culpa da rainha, primeira mulher de Ngungunhane, [...] que o acusara de proferir palavras tão injuriosas que as lágrimas vieram ao rosto ao contar” (Khosa, 2013, p. 40).

O terceiro capítulo, *Fragmentos do fim – Damboia*, narra a morte de Damboia, tia de Ngungunhane, que passa três meses sangrando, pois fora acometida por um sangramento vaginal incessante: “Quanto ao dia em que Damboia, postada ao umbral da sua casa, o sangue viscoso a escorrer pelas coxas, prenunciando o luar

interminável da sua morte” (Khosa, 2013, p. 57). O capítulo seguinte, Fragmentos do fim – O cerco ou fragmentos do cerco, discorre sobre a luta entre os machopes e o povo nguni, com a vitória deste último. “A batalha durou uma manhã e uma tarde. Ao cair da noite, a matança terminou. Xipenany e Maparato fugiram com alguns guerreiros, deixando o cadáver de Biguane e de outros guerreiros da corte chope” (Khosa, 2013, p. 84).

O quinto, Fragmentos do fim – O diário de Manua, retrata a viagem de Manua, filho de Ngungunhane, a Portugal. A viagem foi conturbada, porque Manua comeu peixe e bebeu muito vinho, poluindo todo o navio com seu vômito vermelho e amarelo com cabeças de peixes enormes. Como o cheiro do vômito era repugnante, cogitaram tirá-lo do navio: “O senhor tem razão - disse um terceiro, acercando-se - O comandante devia atirá-lo ao mar” (Khosa, 2013, p. 95).

O último capítulo, intitulado Fragmentos do fim – O último discurso de Ngungunhane, traz as últimas palavras do rei nguni ao seu povo em tom eloquente e profético:

[...] Ngungunhane dizia a todos, podeis rir, homens, podeis aviltar-me, mas ficai sabendo que a noite voltará a cair nesta terra amaldiçoada que só teve momentos felizes com a chegada dos nguni que vos tiraram dos abismos infindáveis da cegueira e da devassidão. Fomos nós, homens, que vos tiramos da noite que vos tolhia à entrada ao mundo da luz e da felicidade (KHOSA, 2013, p.112).

Durante todo o discurso, constata-se o intento do autor em fazer o entrecruzamento entre o texto literário, a ficção e o fato histórico, pois Ngugunhane expõe todas as mazelas que a tribo vai passar sob o domínio do colonizador. A clareza com que suas palavras são proferidas levam-nos a repensar, e até questionar, a história da formação de Moçambique, já que abre um leque de possibilidades para re-significar o que se considera como representação na formação de uma identidade nacional. Nas palavras de Pinheiro (2022, p. 274), verifica-se que:

Dessa maneira, podemos observar na representação literária destes países que emergiram do contexto colonial uma temática, pautada ou na perpetuação do nativismo ou na necessidade de legitimar-se literariamente enquanto destino coletivo e épico da nação.

É desse lugar de pertencimento que o autor moçambicano fala com propriedade, mesmo que tingido de ficção, da história de seu povo. As temáticas,

como destacadas por Pinheiro, advêm dessa voz literária como forma de legitimação da história, da cultura e da identidade de Moçambique. A ficcionalização da história, em Ualalapi, reaviva a memória do reino de Gaza através de textos escritos por Khosa com uma visão diferenciada, já que ele é um nativo e constrói uma narrativa singular, distanciando-se do que foi posto oficialmente pelo colonizador, fato que remete à reprodução da História oficial, tendo em vista que todos os discursos construídos podem ser questionados.

Em “A identidade da cultura moçambicana: paradigmas, características e manifestações”, Martinho (p. 04) afirma que “[...] a cultura nacional do lugar em que o indivíduo nasce se constitui em uma das principais fontes de identidade cultural. Quando o sujeito busca uma definição de si próprio um dos aspectos relevantes é o pertencimento a uma determinada nacionalidade”.

Sobre o estudo pós-colonial e o pós-moderno, Bhabha afirma que:

Nesse sentido salutar, toda uma gama de teorias críticas contemporâneas sugere que é com aqueles que sofreram o sentenciamento da história – subjugação, dominação, diáspora, deslocamento – que aprendemos nossas lições mais duradouras de vida e pensamento. Há mesmo uma convicção crescente de que a experiência afetiva da marginalidade social – como ela emerge em formas culturais não-canônicas – transforma nossas estratégias críticas (BHABHA, 2003, p. 139).

Por esse viés, o autor discorre sobre a importância de se destacar o discurso daqueles que estão na contramão do colonizador, das falas não-canônicas que, em Ualalapi, repensa sobre o fato histórico da formação de Moçambique na figura de Ngungunhane. Há, então, a possibilidade de, não contrapor, mas de considerar as narrativas entre história e texto literário sem, necessariamente, excluí-las.

Ciente do quão devastador é a colonização, Ngungunhane alerta sobre o que o povo Nguni viria a sofrer sob o domínio do colonizador, "do outro", profetizando o ódio e o desrespeito entre os vizinhos, entre os animais, chegando à traição do que se construiu enquanto cultura e identidade de um povo.

#### **1.4 Ualalapi: a sombra da simbologia metafórica**

A relevância e repercussão da obra Ualalapi, além da reconstrução ficcional da história, dá-se, também, pelas imagens metafóricas descritas ao longo da

narrativa, tendo em vista que estas expandem o leque de significados de palavras e expressões criadas para construir artisticamente inúmeras analogias. Assim, foram destacadas partes importantes da obra com o intuito de revelar o véu criativo que compõe o romance.

Khosa (2013) afirma o momento de êxtase com a família quando se reuniam em volta de uma majestosa árvore na intenção de sentir a proximidade com os espíritos ancestrais.

No livro *Ualalapi* (2013), essas cenas aparecem como forma de valorizar o imaginário social que rodeiam as rotinas das tribos pelas práticas ritualísticas. O elemento natural da “árvore” compõe uma representação do imaginário social, e constantemente aparece metaforizada como forma de expressão política, social, cultural e propiciadora de vida ou de tensões. Nas contribuições a seguir, serão demonstradas essas representações sociais em constância com o enredo do livro.

No primeiro momento, a característica social se manifesta nos planos das sensações, quando os guerreiros da aldeia socializam as memórias afetivas em volta da árvore, de igual modo tem como artifício de carácter utilitário, de reconhecimento local e de certas direções estratégicas. Ela está sempre em constância no enredo. Faz parte do momento propiciador de uma reunião com as tribos para organizar os próximos passos da guerrilha, para os livramentos de algumas tensões, seja de morte, quando os inimigos são enforcados, seja para celebrar o nascimento da vida. A passagem abaixo mostra a narrativa de quando os guerreiros ficaram aliviados ao constatar que a aldeia estava ilesa das ações de tribos inimigas:

Os guerreiros suspiraram de alívio ao contemplarem as casas esparsas por entre as árvores de raízes seculares, imersas num silêncio profundo, próprio daquela hora em que o Sol ultrapassava majestosamente a metade do céu sem nuvens, atirando os raios que causticavam os rostos, os dorsos e os troncos nus dos guerreiros cobertos da cintura à parte superior das coxas por peles de animais bravos (KHOSA, 2013, p. 23).

Os traços sociais aparecem como carácter utilitário, quando a personagem *Ualalapi* está na frente dos guerreiros. Ele olhava a aldeia e via a família realizando as atividades do cotidiano, conforme mostra o excerto:

Ualalapi, à frente dos guerreiros, percorreu com o olhar a aldeia e pensou no doro, nome que leva o pombe preparado nestas terras dos mundau, a entrar pelas goelas abaixo, com um bom naco de carne, à sombra da frondosa árvore, tendo defronte a mulher atiçando o fogo e o filho brincando, enquanto a noite entrava, calma, trazendo consigo a Lua cortada e às vozes mais distantes de outros homens que seroavam, pervagando pelo mundo dos feitos nguni, em tempos de guerra e de paz (KHOSA, 2013, p. 23).

Os elementos sociais que apontam para a expressão metafórica política e culturais estão no momento em que a personagem Mputa se recusa em manter as relações carnavais com a mulher do imperador Ngungunhane e é observado no seguinte excerto:

- Mputa esqueceu-se que a trovoada produz a chuva, filho. Mulher de rei é sagrada.
- Não fales mais, calemo-nos. Se Mputa tem razão sairá ileso, pois o macaco não se deixa vencer pela árvore (KHOSA, 2013. p. 49).

No que tange os elementos de premonição, surge quando “os guerreiros temem a manhã, o Sol, o vento dos cânticos esquecidos, a terra sem cor, as árvores com folhas murchas, o céu sem nuvens, a planície morta” (KHOSA, 2013. p. 82), como também é aponta no trecho do texto:

As árvores estavam no mesmo lugar e as aves trauteavam as cantigas já conhecidas desde o princípio de todos os tempos. Os velhos andavam à deriva, sorvendo a manhã. As mulheres atiçavam o fogo e as crianças corriam, alegres. O mundo estava no mesmo lugar, facto que me espantou (KHOSA, 2013. p. 69).

O traço social também aparece contra aqueles que ousavam a desafiar a ordem ou contestar a fala do imperador Ngungunhame, nesse caso eram sentenciados à morte.

A identificação cultural é de igual sentido como um dos elementos sociais e no texto essa ferramenta aparece como escudos que se desembaraçam dos ratos. Os dias voltam a serem dias. Os risos renovam-se. Batuques troam. O vento é outro. As árvores são outras. A terra é outra. O sangue é outro. A guerra de todos os séculos aproxima-se (KHOSA, 2013. p. 85).

Aparece como forma de rememoração, quando os guerreiros estão ao redor da árvore:

Os guerreiros espreguiçam-se, caminham para as mesmas árvores, sentam-se nas mesmas sombras e contam as mesmas histórias. Os

que ouvem esforçam-se por esquecer o enredo inicial. Os que contam fingem esquecer as sequências posteriores (KHOSA, 2013. p. 82).

Esse trecho final do livro mostra uma rememoração saudosa de um momento vivido em uma terra natal; onde a visualidade do mundo físico não se tem mais, por estar em terras e em tempos estrangeiros.

Levantei-me. Estava cansado. A noite clara, sem nuvens, dava total liberdade à Lua. Comecei a afastar-me da fogueira. Com a cabeça apoiada entre as mãos o velho soluçava. Comecei a andar depressa. Não sei porque mas à medida que ouvia o choro do velho apressava o passo. Afastei-me da cabana que me estava reservada e virei o rosto em direção à fogueira. Entre duas mangueiras enormes, o velho, com a cabeça entre as mãos, não via o fogo e a noite. Chorava.

E eu afastava-me da cubata, do meu quarto, e atirava-me à noite de luar. Algo me intrigava no velho e no discurso de Ngungunhane (KHOSA, 2013. p. 125).

No texto “Identidades culturais: uma discussão em andamento”, de ESCOSTEGUY (2001), enfatiza-se a discussão sobre a identidade cultural no que tange ao deslocamento espacial do sujeito-coletivo e do deslocamento temporal. O deslocamento temporal refere-se ao passado, bem como uma ligação intrínseca, mesmo que essa ligação seja através da imagem em ruínas. De igual modo, HALL (2003) confirma essa construção ou reconstrução de identidades ligadas sempre ao contar ou recontar de um passado.

Em toda a construção da narrativa, o texto apresenta o elemento “árvore” como elemento metaforizado, pois o povoado da aldeia reconhece o espaço, a vegetação como forma de identificação cultural, a árvore é um dos elementos culturais das aldeias em Ualalapi. Além disso, esse elemento está contido tanto na voz do próprio autor, quanto nas vozes que se encontram no enredo de Ualalapi.

Em uma das propostas do texto “Teoria e Crítica Pós-Colonialistas”, de Thomas Bonnici (2019), afirma-se que o poder se constrói na política, nas artes e na ciência sempre através do discurso e, portanto, a pretensão de que haja objetividade nos discursos é falsa, havendo, então, apenas discursos mais poderosos e menos poderosos.

Essa afirmação aparece quando o imperador Ngungunhane mascara a problemática da aldeia sob pena de morte contra aquele que ousavam contrariar as

ordens. Na aldeia de Ngungunhane, a tia Damboia estava sofrendo com a excessiva menstruação durante o período de três meses, conforme aparece no trecho:

Ao segundo mês, creio, choveu como nunca durante duas semanas. O sangue dela escorreu ao rio, tingiu-o de vermelho e matou os peixes que os nguni não comiam. Os crocodilos passaram a viver nas margens. Era normal vê-las à soleira das nossas portas ao raiar do dia. A princípio tentamos expulsá-los, mas eles vinham em maior número, aos milhares. Alguns velhos suicidaram-se. Outros velhos morreram de sede pois a água estava contaminada ao longo da extensão do rio. O lago das proximidades estava contaminado. E os poucos poços que haviam estavam reservados às pessoas da corte. Ngungunhane andava de um lado para o outro. Afirmando que no império tudo andava bem e que havia grandes progressos, pois as colheitas nunca vistas encheram celeiros de nunca acabar, e as crianças que nunca nasceram vieram ao mundo mais gordas e sãs, e os velhos duravam mais anos, e os guerreiros nas batalhas ganhavam. Os que diziam o contrário eram pendurados nas árvores. Todos são felizes, e se o nkuaia não se realiza é porque Damboia está doente. Diariamente morriam pessoas, mas afirmava-se que morriam por velhice adiantada. Os que se suicidavam diziam que eram doentes mentais, indivíduos atacados pelos espíritos malignos” (KHOSA, 2013. p. 71).

Essas ações mascaradas na aldeia são, na verdade, um prenúncio de que aquele governo interino não era promissor. Embora na própria narrativa Ngungunhane afirme que o seu império será de terror e sangue, e que os guerreiros estejam aptos a apoiar. Talvez, não imaginassem que esse temor fosse dirigido para a própria aldeia, em vez da aldeia inimiga.

Segundo a narrativa, a personagem Ngungunhane, a qualquer custo, prioriza apenas o discurso poderoso e rejeita as crises que a aldeia está passando, porém, mesmo com toda a negatividade com a que a aldeia é ancorada, esse discurso de poder acaba se diluindo, pois acontece o silenciamento do povo contra as opressões do imperador Ngungunhane.

Embora Bhabha (2013) afirme que o subalterno pode falar e que a voz do nativo pode ser recuperada através da realização cultural, ou seja, pode ser composta pela paródia, mímica, música, dança ou outras formas de expressão contra opressor, em Ualalapi, sobre a perspectiva do povo de Ngungunhane não ocorreu essa reivindicação. Outro fator é que somente os que pertenciam à classe dominante tinham acesso à comida e água potável, enquanto a população da aldeia morria miseravelmente de fome. É o que aparece no excerto “o Ngungunhane magro e sem voz, circulava como um sonâmbulo perdido, fumando toda hora” (KHOSA, 2013. p. 72).

Nota-se que o povo Nguni e os seus guerreiros em nenhum momento se rebelaram contra o imperador, ou fez algo que pudesse sair daquela situação degradante. Se os próprios guerreiros de Nguni não se rebelaram, imagina o restante do povo que acabou definhando junto com o imperador.

### **Fragmentos finais**

A análise da obra Ualalapi ratifica a importância do estudo das obras africanas de língua portuguesa como uma forma de consolidar a visão que o nativo tem da construção da sua cultura e da sua identidade, a partir da ficção de um momento histórico. Mesmo que cultura e identidade não sejam conceitos fechados, e sim em constante construção, o romance expande e abre possibilidades para novas interpretações sobre os acontecimentos históricos referentes ao reinado de Ngungunhane, ao reino de Gaza e à consolidação de Moçambique, enquanto nação independente.

Na construção de Ualalapi, Ungulani Khosa, de forma criativa, repensa a representatividade de Ngungunhane e a história do povo nguni de forma particular e diferenciada do que foi posto pelo colonizador. A fala ficcional do autor torna-se necessária quando se busca autenticar uma literatura voltada para "o contar" da minha história por mim, Khosa, não por aquele que, por muito tempo, não só teve o domínio das terras, das riquezas, mas também modificou uma grande parte do modo de vida e vivência dos valores dos meus antepassados. É essa percepção analítica que valida o estudo em questão.

Ademais, vale ressaltar as imagens criadas pelo autor quando descreve o cenário e os acontecimentos, tomando como base a mitologia, na forma de relatos fantásticos, e a natureza, enquanto metaforização de momentos políticos e culturais.

## REFERÊNCIAS

ANTONCCIO, Adriana Maciel. Das razões do pranto: história e ficção em Choro, 2016.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2019. p. 253-280.

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

ESCOSTEGUY, A. C. (2001). Identidades Culturais: uma discussão em andamento. Em: Cartografia dos estudos culturais: uma versão latino-americana. Autêntica. Belo Horizonte

FANON, Frantz. Os condenados da terra. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.

HALL, Stuart. Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Organização Liv. Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende (et al). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. 410 p. (Humanitas).

KHOSA, Ungulani Ba Ka. Ualalapi. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

MARTINHO, Anífo Inúso Moniz. A identidade da cultura moçambicana: paradigmas, características e manifestações.

MARTINS, Ataíde Júnio Fonseca, Relações de poder e violência na metaficção historiográfica Ualalapi, de Ungulani Ba Ka Khosa / Ataíde Júnio Fonseca Martins, 2022.

ROLON, Renata Beatriz B.; ALMEIDA, Marinei; MAGALHÃES, Epaminondas de Matos. Literaturas em diálogo: africanidades, afrodescendências, trânsitos. 2022.